



A PERSPECTIVA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA A PARTIR DAS MULHERES EVANGÉLICAS: UMA ANÁLISE NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE.

KAYLANE KARINNE PAES BARRETO DE SANTANA¹²

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise por meio de referenciais teóricos e uma pequena amostra qualitativa sobre as perspectivas das mulheres evangélicas da Região Metropolitana da cidade do Recife em relação a violência doméstica, sendo esse público o mais afetado. Buscando assim compreender o quão influenciador é o discurso religioso nos altos índices de violência doméstica, silenciamentos das mulheres protestantes e a perspectiva dessas mulheres por meio de entrevistas qualitativas.

Palavras-chaves: Violência doméstica, Recife, Evangélicas.

Abstract

This paper presents an analysis through theoretical references and a small qualitative sample on the perspectives of evangelical women in the Metropolitan Region of the city of Recife in relation to domestic violence, with this public being the most affected. Thus seeking to understand how influential religious discourse is in the high rates of domestic violence, silencing of Protestant women and the perspective of these women through qualitative interviews.

Keywords: Domestic violence, Recife, Evangelical.

¹² Estudante do Bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).



Introdução

As mulheres conquistaram muitos direitos como o voto, o trabalho, igualdade salarial garantida por lei, entre outros que buscam equidade na qualidade de vida feminina no Brasil. Embora essas conquistas, a realidade da mulher brasileira ainda é repleta de desafios e um deles é a violência doméstica, um problema grave com altos índices estatísticos na qual demonstram o quanto a cultura machista de dominação e controle feminino ainda está longe da erradicação. A lei Maria da Penha sancionada no ano de 2006 agregou avanços significativos como o aumento da pena do agressor, medidas protetivas e normas de atendimento à vítima, mas a violência doméstica ainda é uma realidade a ser enfrentada na sociedade brasileira.

Segundo uma pesquisa feita pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, por meio da então doutoranda Valéria Vilhena, 40% das mulheres brasileiras são vítimas de agressões físicas e verbais, tendo como agressores seus companheiros, se autodeclararam evangélicas. As igrejas evangélicas possuem doutrinas conservadoras e discursos de submissão feminina ao homem, as mulheres não são incentivadas a terem autonomia financeira, nem recebem apoio ou algum tipo de acolhimento quando relatam aos seus líderes que estão sofrendo alguma forma de violência, muita das vezes não conseguem identificar que estão em situações de abuso por acreditarem no poder masculino sobre seus corpos e vidas, esses fatores são reproduzidos nas igrejas evangélicas com justificativas de embasamentos bíblicos.

De acordo com dados do censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) um a cada 5 pernambucanos são evangélicos no estado de Pernambuco, sendo o estado na qual essa religião mais predomina no nordeste. É notório ao caminhar pelo centro da cidade do Recife ou por qualquer outro bairro da Região Metropolitana diversas igrejas evangélicas, com diferentes nomes, cores e símbolos, muitas vezes várias uma do lado da outra. Por outro lado, dados da Rede de Observatórios da Segurança mostram que a cada quatro horas uma mulher é vítima de violência em regiões de Pernambuco, deixando apenas o primeiro lugar de violência contra a mulher o estado da Bahia.

Levando em consideração o crescimento constante de igrejas protestantes na Região Metropolitana do Recife e o dado alarmante apresentado anteriormente referente às mulheres evangélicas serem uma porcentagem significativa das vítimas de violência física e verbal, o presente artigo busca entender as influências dos discursos conservadores dessas instituições de poder na percepção das mulheres frequentadoras dessas igrejas sobre a violência contra a mulher por meio de referenciais teóricos e uma pequena amostra qualitativa com o público alvo de diferentes nomenclaturas de igrejas e idades, mas todas as entrevistadas moram na Região Metropolitana da cidade do Recife.



2.1 O discurso conservador e a violência doméstica contra mulheres evangélicas.

As religiões possuem o poder de influenciar de forma direta os seus seguidores na forma de agir, falar, vestir e principalmente no pensar. No Brasil diversas são as igrejas evangélicas estabelecidas com doutrinas baseadas nos mesmos fundamentos, mas possuindo características que podem diferenciar um ministério do outro. A grande maioria dessas igrejas reproduzem por anos um discurso com viés de conservadorismo em muitos aspectos, sendo um deles em relação às mulheres.

O papel feminino dentro das igrejas evangélicas na maioria dos casos é relacionado ao cuidado das crianças, idosos e no auxílio dos homens em cargos de alta responsabilidade e liderança, dificilmente uma mulher é colocada no maior cargo sem a figura masculina sobrepondo o poder dado àquele determinado lugar. Um outro atributo feminino é a plena obediência ao marido. O homem dentro da instituição tem o perfil de provedor e protetor da casa, a ele é dado a força e o poder de tomar decisões importantes e se estabelecer em cargos autoritários dentro da igreja. Essas situações não são distantes da realidade vivenciada pela nossa sociedade há milhões de anos, mas sim um retrato social para enxergarmos o quanto esses discursos religiosos foram importantes para justificar as normas patriarcais da sociedade antiga e também a contemporânea. A problemática maior desses discursos conservadores em relação à mulher é que não se baseia apenas no local que ela ocupa dentro da determinada igreja, mas sim reflete inteiramente no seu lugar perante a sociedade.

O corpo feminino também é visto como propriedade da igreja, do marido e de Deus, exceto da mulher. Questões como a maternidade compulsória, na qual desde muito cedo meninas aprendem que precisam ser mãe, pois esse ciclo faz parte do papel de ser uma mulher completa e realizada. O aborto perante a sociedade e muitas vezes em discussões parlamentares sobre o tema é visto primeiramente sobre a lei religiosa e não baseada nos diversos estudos sobre ser uma questão de saúde pública.

Todos esses fatores citados anteriormente relatam o quanto essa instituição tem poder de influência determinante sobre a trajetória feminina na sociedade durante tanto tempo, a visão ideologicamente religiosa também reforça a violência doméstica contra as mulheres. Na relação entre valores neopentecostais e gênero, há o fortalecimento da submissão feminina e a dominação masculina que podem legitimar a violência doméstica em suas variadas formas (SOUZA, 2007). Se entendemos que o discurso de inferioridade e submissão feminina é validado por questões bíblicas de uma determinada religião e o homem é o detentor de poder, sendo assim, estruturando um sistema patriarcalista, as diversas formas de violência domésticas registradas no Brasil também são frutos desse



discurso e sistema.

Desde o momento que o corpo e as decisões da mulher são tomadas por todos, menos por ela, podemos caracterizar uma violência, ou quando ela é ensinada a pensar de uma forma estrutural que é inferior ao outro gênero apenas por ser uma mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1967, p.9). A socialização feminina é baseada na aprendizagem do que é mulher em uma sociedade onde o poder se concentra nas mãos do sexo masculino.

Desde 1990 a Organização Mundial da Saúde reconhece a violência contra a mulher como um problema de saúde pública, sendo necessário refletir sobre políticas públicas efetivas para combater esses crimes e proteger as vítimas. O uso da Bíblia na maioria das igrejas evangélicas no Brasil tem reforçado uma cultura violenta e patriarcal de dominação em relação às mulheres (SANTOS, 2019, p83). Podemos enxergar o reflexo da manutenção desse discurso repleto de misoginia quando olhamos o dado referente a quantidade de mulheres autodeclaradas evangélicas que sofrem violência doméstica no Brasil (40%), segundo a Universidade Presbiteriana Mackenzie. Quando é reforçado o lugar da mulher na inferioridade e colocamos o homem enquanto indivíduo poderoso, é colocada a integridade moral, física, psicológica e patrimonial da mulher e muitas vezes dos seus filhos em risco.

2.2 Percepção das mulheres evangélicas da Região Metropolitana do Recife sobre a violência doméstica:

Para melhor entendimento das reais influências dos discursos religiosos e conservadores em relação às mulheres, esse trabalho conta com uma amostra de pesquisa qualitativa realizada com mulheres da Região metropolitana da cidade do Recife, no estado de Pernambuco. Com o objetivo de entender as perspectivas das mulheres evangélicas em relação ao tema da violência doméstica. A ética de pesquisa foi cumprida ao longo de todo processo e por escolha das entrevistadas suas identidades não serão reveladas neste trabalho.

A pesquisa foi realizada durante o mês de agosto de 2023 de forma presencial e virtual por meio de plataforma online, com um total de cinco mulheres entrevistadas, nem todas declararam já ter sofrido algum tipo de violência, mas compartilharam os seus pensamentos sobre o tema abordado.



Quadro 01: Perfil geral das entrevistadas

Identificação	Cidade	Idade	Raça/etnia*	Estado civil
1	Recife	62	Negra	Casada
2	Olinda	59	Parda	Divorciada
3	Recife	18	Negra	Solteira
4	Recife	39	Branca	Solteira
5	Camaragibe	60	Parda	Casada

Fonte: Santana, 2023

*Autodeclarado

A participante mais nova, com ensino superior em andamento, se mostrou muito politizada em relação a temas como feminismo e entende a linha que liga os discursos religiosos a violência doméstica. Afirma que conhece alguns perfis nas redes sociais compostos por mulheres evangélicas que se declaram feministas e questionam esses discursos machistas dentro dos templos religiosos, ela diz que mesmo com a existência esses movimentos eles não são bem vistos pelos líderes religiosos da igreja na qual frequenta em Recife e que já foi chamada atenção por compartilhar dessas ideologias em seu perfil pessoal em um site. “As meninas mais novas que frequentam as igrejas conseguem entender os problemas nesses discursos machistas muitas vezes pregados por homens mas constantemente reproduzidos por mulheres mais velhas, conseguimos entender que essas palavras podem levar a casos sérios de violência e não acho que Deus se agrada desse caminho.”

A perspectiva das outras mulheres é diferente da descrita acima, mas muito parecidas umas com as outras. A primeira entrevistada afirma nunca ter sofrido nenhum tipo de violência doméstica, acredita que esse tipo de crime é um ato covarde por parte dos homens, mas não consegue fazer relação entre esse fator e a religião, mas que conhece mulheres que frequenta a mesma igreja que já sofreu violência física mas nunca é comentado isso, é tratado como fosse um segredo. “Ficamos sabendo por meio de fofocas, ninguém sabe como perguntar isso a ela, muito menos como ajudá-lá. A igreja não aceita o divórcio, a crença é que ela precisa orar mais para Deus mudar o marido dela ou precisa ser mais prudente.”

A segunda entrevistada sofreu violência doméstica do ex marido, ele não deixava trabalhar e a controlava em todos os aspectos, quando estava muito estressado a agredia fisicamente e forçava relações sexuais (embora ela não entenda como um estupro, se configura um a partir do momento que não era da vontade da mulher o ato) Depois da intervenção da família de ambos ocorreu a separação, porém ela foi orientada pelo pastor a não se separar, mas sim orar para que o casamento melhore. “Eu não recebi apoio de ninguém da igreja na qual frequentava, muito pelo contrário sou mal vista por ter me separado dele, acredito que essas situações podem deixar outras mulheres que passam pela mesma situação que eu com medo dos julgamentos internos.”

Na quarta entrevista foi possível sentir o receio de falar sobre essa temática, a mulher



afirmou que hoje em dia entende que a mulher pode e deve trabalhar, estudar e se desenvolver, mas na sua opinião também ainda faz parte do papel feminino os cuidados da casa, filhos e marido e que o desenvolvimento profissional da mulher não pode anular esses fatores. Ela afirma que não existem ligações dos discursos em relação às mulheres dentro das igrejas pois na verdade os princípios bíblicos não levam a violência, mas a sociedade se corrompe por justamente querer fugir dessas normas. “Na minha casa existe uma hierarquia entre o meu marido e eu, mas não acredito que isso um dia possa encarregar uma violência.” Podemos observar que entrevistada não estabelece uma linha de relação crítica entre os fatos trabalhados aqui, mas contribui com sua visão e com o debate estabelecido afirmando, na qual conseguimos entender que sua fala reforça o discurso hierárquico entre gêneros, na qual é fator suficiente para interligar as violências contra a mulher, principalmente as domésticas que parte de indivíduos próximos da vítima.

A última entrevistada reforça o que outras afirmaram sobre a falta de direcionamento, acolhimento e apoio para auxiliar as mulheres evangélicas que sofrem violência, mas muitas vezes não sabem identificar, ela entende que isso é um problema, mas também afirma que não consegue entender se existe alguma relação dos discursos sobre submissão feminina dentro das igrejas. Ela afirma que o homem é colocado na posição de cargos mais importantes dentro das instituições religiosas evangélicas pois eles têm menos obrigações em casa e que Deus sempre escolheu a figura masculina para liderar os maiores feitos bíblicos.

As visões das mulheres entrevistadas são minimamente distintas, exceto a da mais jovem que por estar inserida em diversos debates nas redes sociais sobre o tema consegue ter uma visão crítica e ampla para entender a ligação da violência doméstica, os princípios das igrejas e o quanto isso influencia mulheres a ter a noção de submissão normalizada e o quanto infla o pensamento supremacista de homens. Podemos enxergar bem a normalização da submissão lendo pontos expostos por algumas entrevistadas quando em suas falas entendem a problemática da violência, não enxergam a ligação com a religião, mas usam de discursos religiosos para justificar o não empoderamento feminino e colocar a mulher em um determinado lugar social limitado ou exploratório na qual precisa fazer diversas funções. A falta de amparo e direcionamento de acordo com as leis e princípios de direitos humanos é algo também levantado pelas entrevistadas.

Como foi falado por uma entrevistada, atualmente existem movimentos sociais compostos por mulheres evangélicas que buscam desconstruir algumas ideias conservadoras e amparar mulheres vítimas de violência doméstica, é uma movimentação de extrema importância, mas ainda infelizmente representa uma baixa porcentagem de ações, mas será de muita importância se esses coletivos conseguirem forças para crescer e se espalhar



nas mais diversas igrejas evangélicas e em outras religiões se estabelecendo como rede consentimento também pois muitas mulheres não conseguem reconhecer o que é um ato violento, se tornando uma barreira para identificação do problema e soluções conforme as leis federativas brasileiras.

Sendo assim, entender o ponto de vista de diferentes mulheres, com idades distintas, escolaridades de diversos níveis e outros fatores de interseccionalidade que compõe o indivíduo e suas experiências enquanto mulheres evangélicas em uma sociedade patriarcal pelos interesses e influências de instituições religiosas, na qual as componentes dessas igrejas protestantes representam quase metade das vítimas de violências no Brasil.

2.3 Considerações finais

Em conclusão, as discussões sobre a religião como um todo é uma temática complexa com muitas camadas de análises e pesquisas, mas é evidente que existe uma correlação com a violência doméstica contra as mulheres, principalmente quando se referimos a mulheres evangélicas pois elas representam uma grande parcela das estatísticas como já foi falado no presente trabalho. Embora a religião seja um caminho de apoio emocional e espiritual para algumas pessoas, também é usada historicamente como ferramenta de controle e dominação dos corpos femininos, colocando mulheres em níveis inferiores aos homens nas decisões de poder. Muitos trechos bíblicos e crenças culturais baseadas em princípios religiosos são distorcidos e propagados como verdade um discurso repleto de misoginia que aflora a desigualdade de gênero em uma sociedade patriarcal.

É importante que as igrejas reconheçam a violência doméstica como um problema extremamente grave, e tomem conhecimento que as mulheres frequentadoras da religião são as maiores vítimas. Por isso, é necessário um preparo e engajamento das principais lideranças dentro dos templos religiosos evangélicos para que saibam conscientizar as mulheres de seus direitos civis e dos tipos de violências que podem às atingir, encorajando-as e apoiando-as a sair de situações tão desumanas e violentas promovendo uma abordagem integrada com movimentos sociais que atuam nessa instância, com educação, sensibilização e prevenção primária. Sendo assim, é um caminho ideal para o combate à violência doméstica de maneira geral, mas principalmente para diminuir os impactos dos discursos conservadores nas vidas das mulheres evangélicas que sofrem principalmente violência física e verbal, sendo essa última na maioria das vezes difícil da própria mulher perceber e dos terceiros também pois não deixa marcas expostas.

Por meio da amostra qualitativa das mulheres na região metropolitana do Recife, território na qual a quantidade de igrejas evangélicas é numerosa e com significativo crescimento



seja nos grandes centros urbanos, subúrbios e periferias. Toda cidade tem sido impactada com o alto número de templos religiosos ocupando os espaços físicos e atraindo muitos fiéis. É visível que a diferença demasiada de geração de uma das entrevistadas compactua para uma visão politizada e crítica em relação ao tema central aqui trabalhado. Essa geração mais jovem impactada com as discussões contemporâneas por meio ativo das redes sociais também pode e deve ser um fator de esperança que se desenvolva jovens com pensamentos mais atentos às circunstâncias e ao debate da violência de gênero como todo principalmente no meio religioso. As outras entrevistadas demonstram que saibam a importante de combater a violência doméstica, mas não conseguem relacionar com fatores conservadores da religião que cultuam a fé, mas elementos expostos por elas mostram o quanto é necessário a assistência e a não normalização da hierarquia do poder entre os gêneros, a equidade precisa ser um discurso em prática.

É importante que exista uma abordagem interseccional ao tratar a violência de gênero entre o público alvo desta análise, levando em consideração não só a religião, mas aspectos como raça, classe social, escolaridade, faixa de idade e entre outros que caracteriza o indivíduo em determinados grupos sociais e minorizados. Assim, com políticas públicas e contribuições das igrejas evangélicas podemos erradicar a violência de gênero tanto do meio evangélico quanto de toda a nossa sociedade, protegendo as mulheres e suas famílias.

Sendo assim, o artigo cumpre seu objetivo de analisar as impressões de mulheres evangélicas da Região Metropolitana do Recife com base em uma amostra qualitativa e relacionar com as complexidades influentes dos discursos ultraconservadores em relação ao gênero, o alto número de mulheres evangélicas vítimas de violência doméstica e como as mulheres entrevistadas entender a ligação entre a religião e essa tema deixando explícito o caminho longo que precisa percorrer dentro dessas instituições para um combate e prevenção eficaz de qualquer tipo de ação violenta contra mulher e como a geração atual pode contribuir com uma nova perspectiva progressista e feminista dentro desses ambientes os tornando mais seguros e receptivos a todas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. *Psicol. Am. Lat.*, México, n. 14, out. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 ago. 2023.



DE BEAUVOIR, S. O segundo sexo.

CAVALCANTE, J. Pernambuco é o Estado com a maior concentração de evangélicos do Nordeste. Acesso em: 18 ago. 2023.

NUNES, Ana Clara de Arruda; SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo. Análise das vivências de violência doméstica em mulheres evangélicas pentecostais e neopentecostais. Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto , v. 22, n. 2, p. 58-72, dez. 2021 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702021000200006&lng=pt&nrn=iso>. acessos em 20 ago. 2023.

MELO, J. Pesquisadora diz que 40% das vítimas de violência doméstica são evangélicas. Acesso em: 1 ago. 2023.

MORENO, M. J. M. “A violência não tem gênero”: Desencontros morais e definições éticas na judicialização de homens autores de violência contra a mulher no Rio de Janeiro.

SANTOS, O. B. (2019). As mulheres e a Bíblia: Um diálogo corpo-a-corpo. Em A. Tostes, & C. O. Ribeiro, (Orgs.). Religião, corporeidade e direitos reprodutivos: Outras vozes dentro da fé cristã.

SILVA, G. Brasil Mulheres são vítimas de violência a cada quatro horas, diz estudo Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/brasil/mulheres-sao-vitimas-de-violencia-a-cada-quatro-horas-diz-estudo/>. . Acesso em: 18 ago. 2003.

SOUZA, S. D. (2007). Violência de gênero e religião: Alguns questionamentos que podem orientar a discussão sobre a elaboração de políticas públicas.